

A DESCRIÇÃO GRAMATICAL EM WITTGENSTEIN

Valério Hillesheim

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

valeriohill@gmail.com

RESUMO: Na Gramática Filosófica Wittgenstein diz que se interessa apenas pela descrição do que acontece e não pelas sensações ou fatos empíricos. Esta ideia mobiliza a nova concepção de método usada por Wittgenstein que vigora até seus escritos finais como o *Da Certeza*. O método descritivo substitui as elucidações, explicações e teorizações por descrições e exemplificações. Esta mudança faz com que a filosofia seja vista como terapia dos usos dos conceitos e se constitui como “uma luta contra o enfeitamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem” (IF, § 109)¹. Assim, ao invés de termos uma crítica da linguagem para a expressão de pensamentos, temos uma crítica do pensamento expresso linguisticamente. Nesse sentido, os jogos de linguagem apresentam o modo como são expressos e usados os conceitos e com isto mostram como as confusões são originadas e como podem ser dissolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Descrição gramatical. Jogos de linguagem. Terapia.

ABSTRACT: In Philosophical Grammar Wittgenstein says he cares only for the description of what happens and not for the sensations or empirical facts. This idea mobilizes the new conception of method used by Wittgenstein which exists until his final writings such as *On Certainty*. The descriptive method replaces the elucidations, explanations and theorizations per descriptions and exemplifications. This change makes philosophy being seen as therapy of the uses of concepts and that constitutes itself as "a fight against the bewitchment of our intellect by the ways of our language" (IF, § 109). So instead of having a criticism of the language to the expression of thoughts, we have a criticism of the thought expressed linguistically. In this sense, the language games feature the way how the concepts are expressed and used and thus they show how the confusions are originated and how they can be dissolved.

KEYWORDS: Grammatical description. Language games. Therapy.

1. Poderíamos muito bem perguntar: depois de tantos e tão grandiosos esforços de mentes tão brilhantes como Platão, Aristóteles, Descartes e Kant, por exemplo, por que ainda questões filosóficas não foram resolvidas, no sentido de não serem mais postas como problemas? Por que ainda não chegamos a um acordo sobre elas ou sobre as respostas dadas? Estaria, ainda, a filosofia, enquanto se envolve em questões metafísicas, num mero tatear, algo já identificado por Kant em relação à metafísica clássica? O que faltaria, então, à filosofia para que ela não seja a produtora de câimbras mentais, confusões, dicotomias, etc? Provavelmente Wittgenstein observou que o motivo principal da manutenção de tais problemas, na filosofia, era porque os meios e os modos de abordá-los eram inadequados. Por isso, resolve adotar novos meios e novos modos e abordá-los, para dissolvê-los, quando são causa da introdução de dicotomias, dogmatismos, mistura de questões metafísicas com questões factuais, etc. O meio mais eficaz para a compreensão do surgimento de tais confusões é mostrar como são usados e aplicados os conceitos envolvidos em tais situações. Para isso, irá propor a descrição gramatical dos usos dos conceitos.

2. A descrição, estabelecida por Wittgenstein no lugar das explicações, pode muito bem ser compreendida como uma dimensão do método empregado em sua segunda fase do pensamento. Diz Wittgenstein: “Toda elucidação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos.” (IF, § 109, p. 54). Uma descrição, tal como Wittgenstein entende, a partir das Investigações, não é uma resposta a uma questão científica, como se estivesse apresentando e qualificando dados causais para a compreensão de determinados efeitos.² A descrição deveria nos levar a compreender, pelo menos, a forma da descrição que poderia ser estabelecida pela questão, ou até mesmo, o que a resposta da questão descreve. O que o autor entende por descrição pode ser muito variado. A

descrição, também, não pode expurgar a vagueza, elemento constitutivo inerente à descrição, bem como aos jogos de linguagem em suas semelhanças, multiplicidade e variedade. A própria noção de (Übersich) deve acompanhar a dimensão metodológica presente no uso descritivo das proposições. A filosofia, em jogo nesta dimensão, como tarefa nobre, é a atividade terapêutica como “uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem.” (IF, § 109, p. 70). Por isso não podemos mais ver a filosofia como tendo um único método, “mas métodos, como que diferentes terapias.” (IF, § 133, p.76). Então, já no Álbum³ o termo descrição não significa um uso uniforme e simples de proposições, diz ele: “Talvez a palavra descrever zombe de nós aqui. Digo “descrevo o meu estado de espírito.” e “descrevo meu quarto.” É preciso trazer à memória as diferenças dos jogos de linguagem.” (IF, § 290, p. 136). A variedade do uso da descrição está associada à variedade dos jogos de linguagem. “O que chamamos de “descrições” são instrumentos para empregos especiais.” (IF, § 291, p. 137). Sendo assim, a descrição cumpriria muito bem a função de distinguir o uso das proposições e a possibilidade de explicação das próprias palavras pelo uso, condição necessária para o sentido, uma vez que é no uso que passamos a compreender a real importância da passagem da explicação para a descrição. “É no uso da palavra que se vai mostrar, como habitualmente acontece, como foi que ele entendeu a explicação.” (IF, § 288, p. 136). Esta descrição substitui, de certa forma, a explicação das palavras como sendo nomes, tal como no modelo referencialista, o que é o centro da crítica à imagem Agostiniana de linguagem⁴. Explicar uma palavra e tentar provar que ela representa idealmente ou realmente algo não nos levaria a compreender bem o seu sentido. Pelo contrário, talvez, instaurássemos os velhos impasses surgidos dos debates entre idealistas, realistas e solipsistas (IF, § 402, p. 165). Para Wittgenstein, “o mundo da representação está todo exposto na

descrição da representação.” (IF, § 402, p. 165). As diferentes aplicações dos usos expressivos das palavras explicitam os diferentes sentidos das proposições. Em outras palavras, a gramática do uso das palavras mostrará o sentido que elas têm no jogo de linguagem em questão. As práticas humanas, imbricadas nas descrições, podem mostrar que falar uma língua é, de certa forma, parte de um padrão amplo e completo de atividade. Só assim poderíamos superar uma das fontes da falta de compreensão de nossa linguagem.

Uma das principais fontes de nossa falta de compreensão é que não dominamos com uma clara visão o uso de nossas palavras. – Falta à nossa gramática uma disposição clara. Uma exposição de conjunto transmite a compreensão, que consiste exatamente em “ver conexões”. Daí a importância de se achar e de se inventar conectivos. (IF, § 122, p. 74).

A dimensão, ou visão panorâmica (*übersehen*), sugerida para a linguagem seria uma forma de, via as ligações intermediárias (*Zwischengliedern*), obter uma representação mais significativa da linguagem, evitando as confusões e o mau uso dos conceitos. Para Wittgenstein, neste parágrafo, com a falta, na nossa gramática, do caráter panorâmico (*Übersichtlichkeit*), a própria compreensão dos conceitos pode seguir o perigo de pretender usar, de uma forma unilateral, as palavras. Por exemplo, a palavra jogo, a própria noção de proposição, ou mesmo a própria descrição. Um local onde Wittgenstein alerta-nos para o risco deste uso dogmático e unilateral das palavras é no § 66 quando diz:

(...)o que é comum a todos estes jogos? – Não diga: “tem que haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’” – mas olhe se há algo que seja comum a todos. – Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. Como foi dito: não pense, mas olhe! (IF, § 66, p. 51).

Com uma representação mais panorâmica (*übersichtliche Darstellung*)⁵, poderíamos evitar este modo unilateral de usar ou compreender os conceitos. Se levarmos em conta a seguinte sugestão de Wittgenstein de que “Os jogos de linguagem estão aí muito mais como objetos de comparação, os quais, por semelhança e dessemelhança, devem lançar luz nas relações de nossa linguagem.” (IF, § 130, p. 76), o dogmatismo do filosofar, ao fazermos asserções, poderia ser evitado, de tal forma que não forjariamos preconceitos, aos quais a realidade deveria, supostamente, corresponder. A partir da noção de jogo de linguagem, que tem como uma das finalidades deixar claro o modo como usamos os conceitos, o uso da semelhança, da dessemelhança e da analogia são recorrentes, em Wittgenstein, para entender e mostrar, também, a tarefa terapêutica da filosofia nas questões que exigem elucidações e descrições para o sentido ficar claro.

3. A partir do que foi dito acima, podemos atribuir, então, à descrição, diferentes funções pelas quais diferentes significações poderão ser compreendidas dos conceitos implicados nos usos feitos, nos jogos de linguagem jogados, nas práticas específicas de cada situação. Nesse sentido, conceitos como visão panorâmica (*übersehen*) e ligações intermediárias (*Zwischengliedern*), importantes e centrais nas Investigações, são essenciais para compreender a gramática do conceito de certeza no *Da Certeza*.⁶ Dado que, nesta obra, a possibilidade de ligação entre as proposições significativas, para formar um sistema⁷ de proposições, deve ocorrer, necessariamente, por meio deste tipo de expediente. “Quando começamos a acreditar em qualquer coisa, aquilo em que acreditamos não é uma proposição isolada, é um sistema completo de proposições (faz-se luz gradualmente sobre o conjunto).” (UG, § 141, p. 53).

Compreender que a descrição tem diferentes funções permite, também, atribuir-lhe a tarefa terapêutica de reconhecer a significação em suas diferentes manifestações e evitar a sua atribuição a proposições inadequadas. Por isso “As proposições a que se regressa repetidamente como por encanto – gostaria de expurgá-las da linguagem filosófica.” (UG, § 31, p. 23). O que nos leva a perceber que as descrições com fins terapêuticos sugerem a seguinte ação: “eliminamos as frases que não nos fazem avançar.” (UG, §33, p. 23). A descrição, tomada sob o aspecto da funcionalidade diversa, deve valer-se e guiar-se pelas determinações gramaticais, mostrando como elas se realizam. Este domínio gramatical só é percebido considerando que “(...) tudo o que é descritivo num jogo de linguagem é do domínio da lógica.” (UG, § 56, p. 29). Neste sentido, a descrição, feita com vistas ao estabelecimento da compreensão da significação da certeza, exemplifica e explicita as diferentes formas de expressão, envolvidas na distinta modalização entre a própria certeza e o conhecimento.

Reconhecer que conhecimento e certeza pertencem a categorias distintas só é possível a partir das diferentes descrições feitas dos usos de conceitos que expressam, linguisticamente, ou conhecimento, ou certeza. Pois “... Um significado de uma palavra é um gênero de utilização desta. Porque é aquilo que aprendemos quando a palavra é incorporada na nossa linguagem.” (UG, § 51, p. 31). Mostrar ou descrever este aprendizado não coloca Wittgenstein como pensador que se volta para temas de psicologia do desenvolvimento e educação. A descrição da utilização das palavras é muito mais para reconhecer as condições que imprime às palavras tal significado e não outro e, ao mesmo tempo, para reconhecer as formas, de certa forma a priori, expressas na gramática (Cf. IF, § 371, p. 158). As condições a priori da gramática, no entanto, só são reconhecidas analisando o a posteriori, no qual as formas são percebidas pelo uso, “Uma vez que tudo se encontra em aberto, não

há também nada para esclarecer.” (IF, § 126, p. 75). Então, ao invés de entender a gramática como o estabelecimento do a priori, que serviria para dar forma universal e necessária, com absoluta independência do empírico, a todas as ocorrências fenomênicas, a descrição serviria para mostrar a tarefa da filosofia, enquanto metodicamente propõe-se a ser restritivamente descritiva a “Compilar recordações para uma determinada finalidade.” (IF, § 127, p. 75).

4. A descrição pretende fazer ver o novo lugar que a lógica deverá ocupar, pois “O preconceito de pureza cristalina só pode ser eliminado dando uma guinada em nossa reflexão.” (IF, § 108, p. 70). Esta guinada, ou mudança, ou inversão na metodologia wittgensteiniana é que coloca a descrição no lugar da lógica como “algo sublime.” (IF, § 89).⁸ As reflexões filosóficas de Wittgenstein pretendem, agora, gradualmente, a partir das Investigações, mostrar, via as descrições e exemplificações, que, para dar conta do fenômeno complexo e diversificado que é a linguagem, em seus usos, é necessário ir além de uma proposta lógica uniforme e simples. Assim, para os usos expressivos das palavras, nas complexas e variadas circunstâncias, a consideração gramatical não pretende mais encontrar uma forma padrão de unificação dos diversos usos, a partir de uma única forma lógica. A gramática analisa o uso da linguagem, sem pretender oferecer um simbolismo lógico perfeito e puro, para dar conta de relacionar a linguagem e a realidade, uma vez que, como a linguagem está ordenada, ela é suficientemente satisfatória para podermos encontrar o significado necessário em cada situação específica.

Neste uso normal da linguagem, no qual a descrição deve de-ter-se, não são necessárias justificativas e fundamentações. O emprego das palavras nos diversos jogos manifesta as regras inerentes a cada um destes empregos significativos e à filosofia não cabe

explicá-los. “A filosofia não deve, de forma alguma, tocar o uso real da linguagem; o que pode, enfim, é apenas descrevê-lo.” (IF, § 124, p. 74). A filosofia, tendo sua atividade terapêutica restrita a fazer descrições, via analogias e exemplificações, cessa de buscar fundamentos. A ausência de fundamentos sólidos, no sentido de serem definitivos e estáveis, não é um prejuízo para a terapia do pensamento expresso linguisticamente. As diversas funções das descrições permitem perceber que, no uso expressivo de conceitos, nem sempre é necessária uma justificação e fundamentação últimas. A justificativa para a gramática de qualquer conceito, como certeza e confiança, é vista desta forma, “- O que as pessoas admitem como justificação, - mostra como elas pensam e vivem.” (IF, § 325, p. 145). Este é o momento filosoficamente complexo, estabelecido por Wittgenstein, em colocar um fim, um limite na cadeia de razões e tomar algo como suficiente e necessário para o sentido estar claro, não necessitando de uma razão ulterior que complemente o sentido. A ideia de que “a cadeia de razões tem um fim” (IF, § 326, p. 145) é retomada sempre que certas condições são tidas como suficientes para o sentido ser tido como claro, num determinado jogo de linguagem que expressa um conceito significativo.

E a coisa estranha é que quando estou perfeitamente certo do modo como se usam as palavras, não tenho dúvidas a esse respeito, continuo a não poder indicar razões fundamentadas para o modo como procedo. Se tentasse, poderia indicar mil, mas nenhuma tão certa como a própria coisa que elas se propunham a justificar. (UG, § 307, p. 89).

Esta restrição, quanto à busca de razões fundamentadas, não é a mera estipulação de uma impossibilidade. A interrupção na busca por explicações e razões deve ser, também, indicativa de uma saída, o que poderia conferir à terapia filosófica de Wittgenstein,

não somente uma tarefa negativa, quanto à construção de teorias ou estipulação de teses, hipóteses, mas, por outro lado, algo como revelador de como chegar à clareza, pela resolução ou dissolução de confusões conceituais presentes nos usos expressivos das palavras. Diz o autor, “Nosso erro está em buscarmos uma explicação lá onde deveríamos ver os fatos como ‘fenômenos originários’. Isto é, onde deveríamos dizer: joga-se este jogo de linguagem.” (IF, § 654, p. 223).

5. A constatação de como funciona um jogo de linguagem e a compreensão de como nele estão vinculados conceitos é suficiente, a princípio, para, a partir do uso, compreender o sentido aí implicado. Não são as vivências que explicam o jogo de linguagem, ao contrário, o jogo de linguagem descreve quais vivências estão presentes no jogo, significadas daquela, e não de outra maneira. As vivências consideradas desta forma, num jogo de linguagem⁹, são aquelas que prescindem de razões fundamentadas e faz com que “sigo a regra cegamente.” (IF, § 219, p. 119). O método descritivo deve, apenas, descrever as regras implicadas neste jogo, de tal forma que, gramaticalmente, aquilo que é formado por proposições possa aparecer em seu sentido. Este é o antídoto para as inquietações filosóficas surgidas pela forma equivocada de olhá-las. Wittgenstein diz, “Queremos substituir as conjecturas e explicações desordenadas pela serena consideração dos fatos linguísticos.” (ZT, § 447, p. 106). A partir disso, a filosofia deixa de propor teses e de tirar conclusões e “(...) constata o que cada um lhe concede.” (IF, § 599, p. 210). Nem mesmo a elucidação do que seja uma regra gramatical, descrita nos usos das palavras, visa ser explicado pela filosofia. A própria regra, para ser bem compreendida em seu sentido, deve ser seguida, isto é, praticada, não definida e explicada. Perguntar, portanto, o que é uma regra, já é algo visto como possibilidade do surgimento da busca de explicações que instaurariam

as clássicas inquietações filosóficas que Wittgenstein visa fazer a terapia. A pergunta: o que é uma regra? Pode muito bem ser substituída pela pergunta: como os signos são empregados? Esta pergunta pelo uso das palavras é uma pergunta direcionada para o uso contextual das palavras.

6. Cremos que Wittgenstein não tem em mente o uso de uma palavra atrelado a um referente metafísico como um objeto simples ou uma essência última da realidade. A descrição filosófica, proposta por Wittgenstein, está direcionada para o uso das palavras num jogo de linguagem num determinado contexto. Diz ele: “falamos do fenômeno espacial e do fenômeno temporal da linguagem; não de um disparate a-espacial e a-temporal.” (IF, § 108, p. 70). Porém a descrição filosófica, direcionada para a dimensão espacial e temporal, não visa descrever os dados dos sentidos, como intuições sensíveis e toda sorte de ocorrências fenomênicas. Portanto, as características físicas do que ocorre no espaço e no tempo estão fora das pretensões de Wittgenstein. A descrição não descreve propriedades materiais e físicas, mas sim, as possíveis regras que permitem o uso da linguagem, para nos referirmos com sentido a tais objetos. Assim como quando se fala em figuras de xadrez é para indicar regras do seu uso e não falar da peça em si mesma e por si mesma, de sua cor, peso, medida, composição, etc. Dito isso, fica claro que a pergunta pelo uso precede a pergunta pela definição. Então, o que é uma palavra não será compreendido pelas definições dadas, mas por compreendermos o uso feito nas condições ditas acima.

A descrição, caracterizada desta forma, limita, no sentido filosoficamente relevante, a atividade da filosofia como uma atividade terapêutica, pois visa evitar o uso errôneo da linguagem, ao colocar questões que não possam ser respondidas, por isso não podem, tampouco, ser formuladas de modo legítimo. O sinal de

alerta, emitido pela atividade terapêutica, surge quando passamos a usar as regras válidas para o uso da linguagem no cotidiano, para um uso filosófico que vise, supostamente, alcançar algo transcendente a este uso. Talvez, um dos motivos deste desvio, no uso da linguagem, deva-se ao fato de “A língua ser um labirinto de caminhos. Você vem de um lado, e se sente por dentro; você vem de outro lado para o mesmo lugar, e já não se sente mais por dentro.” (IF, § 203, p. 114). Associada a esta dimensão de labirinto, temos a falta da visão panorâmica da nossa gramática, o que faz com que o mal-entendido se estabeleça e as inquietações filosóficas apareçam adquirindo sua forma. “Um problema filosófico tem a forma: “Não estou por dentro.””¹⁰ (IF, § 123, p. 74). Para dissolver estes mal-entendidos, as descrições e exemplificações devem poder mostrar qual uso significativo, de fato, se está fazendo de um conceito.

As descrições cumprem diversas funções, na terapia filosófica proposta por Wittgenstein. Estas descrições têm um limite ou poderão ser feitas indefinidamente? Creio que o limite das descrições, e das diversas formas válidas de fazê-las, começa com indicações como esta, “Diga o que quiser, desde que isto não o impeça de ver o que acontece (como se comporta ou como funciona).”¹¹ (IF, § 79, p. 59). As próprias descrições deveriam mostrar as formas inadequadas de uso da linguagem. Perceber os usos em seus vários sentidos possíveis realiza esta sugestão de Wittgenstein: “É preciso que se veja a sua aplicação e assim se aprenda.” (IF, § 340, p. 149). Este aprendizado deve trazer nitidez sobre quais formas expressivas que estão sendo usadas e fazer perceber que “Um modo de falar inadequado é um meio seguro de se ficar preso na confusão. Ele tranca, por assim dizer, a saída dela.” (IF, § 339, p. 149).

7. Pelo que foi dito até aqui, podemos constatar que Wittgenstein parece ter aplicado este modo de pensar no desenvolvimento de seu pensamento. Em geral, vemos, a partir de 1930,

aproximadamente, a substituição do uso da palavra lógica por gramática. Isto ocorre no assim chamado período intermediário e permanece, praticamente, até o final de seu pensamento. Em suas últimas obras, como *Da Certeza*, vemos novamente surgir a palavra lógica. Parece que a “ânsia por generalidade” estava presente no uso da palavra lógica¹², juntamente com a pretensão de visão unificadora da linguagem a partir de elementos simples.

A atitude de “mostrar diferenças” presentes em praticamente todos os movimentos descritivos das Investigações visava, entre outras coisas, mostrar quais palavras podem ser usadas de diferentes modos, adquirindo diferentes sentidos. Nesta atitude de mostrar diferenças, via descrições e exemplificações, pode-se perceber a necessidade de “retirar uma expressão da linguagem para enviá-la à limpeza ? e então se pode pô-la de volta em circulação.” (CV, p. 44). Os longos anos de reflexão de Wittgenstein, as seguidas retomadas do mesmo tema sob descrições distintas, as várias exemplificações e as analogias feitas parecem ser o resultado de sua compreensão de filosofia. “Na filosofia não podemos interceptar uma doença do pensamento. Esta tem de seguir o seu curso natural, e a cura lenta é o mais importante.” (ZT, § 382, p. 93). Com isso, vemos que a terapia filosófica deve incidir constante, dura e permanentemente sobre a dogmatização do pensamento expresso linguisticamente. A partir daí teríamos condições de ver os problemas filosóficos a partir de diferentes pontos de vista e a dissolução das confusões poderia, com isto, ficar mais próxima do alcance. Uma ressalva deve, no entanto, ser feita aqui. Não devemos imaginar que, com a atitude de “Destruir ídolos” e a sugestão de “não criar novos”, Wittgenstein estaria sugerindo, claramente, o aperfeiçoamento dos jogos de linguagem. Isso poderia parecer mais uma tarefa da ciência ou da técnica. O que vemos, no entanto, é que o modo como ele faz a descrição dos jogos de linguagem é muito mais para deixar claro como se constituem os laços internos

nas determinações de sentido. Um dos fins deste procedimento metódico descritivo é, exatamente, uma investigação dos modos possíveis de uso dos conceitos, sejam eles de caráter estritamente filosófico ou, até mesmo, no interior de uma dada ciência.

A fenomenologia,¹³ tal como concebida por Husserl, por exemplo, bem poderia ser um destes exemplos de filosofia que merecem terapia, dado o modo como pretende investigar a relação da consciência com as coisas mesmas.¹⁴ Ela “(...) se propõem à análise pura e à pura consideração de essências.” (HUSSERL, s.d., p. 33). Tal análise é feita, evidentemente, prescindindo da linguagem e seu papel nesta relação. Isso fica claro em vários momentos como esse, “E a tarefa é, agora, dentro do âmbito da evidência pura ou do dar-se em si mesmo (Selbstgegebenheit), rastrear todas as formas do dar-se e todas as correlações e exercer sobre todas elas a análise esclarecedora.” (ibidem).¹⁵ Este proceder não considera a aplicação dos conceitos, os usos linguísticos dos conceitos em jogos de linguagem. Nisso vemos que a descrição gramatical de Wittgenstein pode ser usada para esclarecer o sentido de várias concepções filosóficas. Husserl foi apenas um exemplo. O próprio Wittgenstein aplicou este método a si mesmo, colocando o *Tractatus* como objeto de crítica e terapia.

NOTAS

¹ Todas as vezes que citaremos as Investigações Filosóficas de Wittgenstein usaremos a abreviatura IF; para a obra *Da Certeza* UG; para a obra *Gramática Filosófica* GF; para *Cultura e Valor*, CV; para *Zettel* ZT. As referências completas encontram-se na Bibliografia.

² Esta concepção de descrição já tem seus indícios fortes na *Gramática Filosófica*, quando diz: “Podemos dizer que as palavras “bem”, “oh”, e até “talvez” são expressões de sensação, de sentimento. Mas não chamo este sentimento de significado da palavra. Não estamos interessados na relação das palavras com a sensação, qualquer que possa ser, quer seja evocada por ela, quer seja regularmente acompanhada por ela, quer lhe dê vazão. Não estamos interessados em quaisquer fatos empíricos a respeito da linguagem, considerados como fatos empíricos. Estamos

interessados apenas na descrição do que acontece, e não é a verdade a forma da descrição que nos interessa. O que acontece considerado um jogo. Só estou descrevendo a linguagem, não explicando qualquer coisa.” (GF, § 30, p. 47). (Acréscimo na tradução, pois, na tradução citada, não consta a tradução da segunda frase deste parágrafo. “Wir werden sagen, dass das Wort, ‘herrlich’, das Wort ‘ach’, aber auch das Wort ‘vielleicht’ der Ausdruck einer Empfindung, eines Gefühls, ist. Dieses Gefühl nenne ich aber nicht die Bedeutung des Wortes”. “Nós diremos que as palavras “magnífico” (“herrlich”), “ai” (de mim) (“ach”), mas, também, a palavra “talvez” sejam a expressão de uma sensação, de um sentimento. Esse sentimento, porém, eu não designo como o significado da palavra.” Parte da tradução desta nota é a tradução feita por Rafael Azize, em sua tese de doutorado: Paradigmas de Análise Conceitual em Wittgenstein. Campinas: SP, Dezembro de 2008, p. 30.

³ Existe um artigo interessante, que vale a pena ser consultado, de MORENO (2009, pp. 131- 182): Como ler o álbum? Álbum é o termo usado por Wittgenstein para referir-se às Investigações Filosóficas.

⁴ Em nove de fevereiro de 1937, Wittgenstein escreveu, no MS 157a, uma passagem interessante para compreender o abandono desta perspectiva. “Die Idee des Wesens, wenn wir das Wesen des Satzes angeben wollten, war nicht einfach, eine Beschreibung dessen was man [Satz nennt, ? mit diesem Wort bezeichnet,] sonder sie war, ein Letztes zu sagen, eine letzte Klarheit zuschaffen über das Unvergleichliche. Es Klar [keine Beschreibung ein für alle mal darzustellen.” (MS 157^a, pp. 56v-57r). “A idéia de essência (Wesen), se quiséssemos indicar a essência da frase, não foi simplesmente uma descrição daquilo que se [denomina frase, |se designa com essa palavra], mas sim, uma última coisa a dizer, uma última clareza a se obter sobre o incomparável É claro [não representa uma descrição de uma vez por todas.” Após tradução feita com a supervisão da professora de Alemão, encontrei esta outra tradução feita por Rafael Azize (Tese de Doutorado) (2008, p. 78) que acho oportuno indicar, pois a forma como foi traduzido parece ser mais própria. “A ideia da essência, quando queríamos fornecer a essência da proposição, não era simplesmente [a de] uma descrição do que se denota com essa palavra, mas, antes, [a de] exprimir um Último, [a de] fornecer a claridade última sobre algo incomparável. Apresentá-lo (não uma descrição) claramente e de uma vez por todas.”

⁵ “Der Begriff der übersichtlichen Darstellung is für uns von grundlegender Bedeutung. Er bezeichnet unsere Darstellungsform, die Art, wie Wir die Dinge sehen. (ist dies eine ‘Weltanschauung’? (P. U., § 122, p. 42). “O conceito de representação nítida para nós é de significado fundamental. Ele designa a nossa forma de representação, o modo como nós vemos as coisas (Isso é uma “visão de mundo”).”

⁶ “Acontece que não vemos como é especializado o uso de eu sei.” (UG, § 11, p. 17). Não vemos, justamente, porque não usamos estes expedientes sugeridos por Wittgenstein. Ou seja, provavelmente não percebemos como saber e certeza têm

gramáticas distintas e, enquanto conceitos, podem ser apresentados por diferentes jogos de linguagem, para que o significado possa ser percebido pela diversidade de usos e aplicações.

⁷ “Pouco a pouco se forma um sistema daquilo em que acredito e, nesse sistema, algumas coisas permanecem inabalavelmente firmes, enquanto algumas outras são mais ou menos suscetíveis de alteração.” (UG, § 144, p. 53).

⁸ “A tendência de supor um ser intermediário puro entre o signo proposicional e os fatos. Ou também de querer purificar, sublimar o próprio signo proposicional. – Pois nossas formas de expressão nos impedem, de diversos modos, de ver que isto acontece com as coisas ordinárias, na medida em que nos enviam à caça de quimeras.” (IF, § 94, p. 67).

⁹ “Uma vez selada com determinado significado, a regra traça as linhas de sua observância por todo o espaço. – Mas se algo assim fosse realmente o caso, em que isso me ajudaria? Não; minha descrição só teve sentido quando foi para ser entendida simbolicamente. – é o que me parece – deveria eu dizer.” (IF, § 219, p. 119).

¹⁰ “Ich kenne mich nicht aus.” “Eu não sou versado.”

¹¹ “Sage, was du willst, Solange dich das nicht verhindert, zu sehen, wie es sich verhält.” (tradução livre).

¹² Porém, cremos que este uso é sinônimo da palavra gramática.

¹³ Uma das definições de Husserl de fenomenologia é a seguinte: “a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento.” (HUSSERL, s.d., p. 22).

¹⁴ Um dos lugares onde a terapia filosófica de Wittgenstein poderia incidir é no modo como a fenomenologia concebe as coisas, a consciência e a relação da consciência com as coisas. “E aí as coisas não existem para si mesmas e enviam para dentro da consciência os seus representantes. Algo deste gênero não nos pode ocorrer no interior da esfera da redução fenomenológica, mas as coisas são e estão dadas em si mesmas no fenômeno (Erscheinung) e em virtude do fenômeno; são ou valem, claro está, como individualmente separáveis do fenômeno, na medida em que não importa este fenômeno singular (a consciência de estar dadas), mas essencialmente são dele inseparáveis.” (HUSSERL, s.d., p. 32-33).

¹⁵ “‘Fenomenologia’ – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico.” (HUSSERL, idem, p. 46).

REFERÊNCIAS

FISCHER, Eugen and AMMERELLER, Erich. *Wittgenstein at Work* - Method in the Philosophical Investigations. London and New York: Routledge, 2004.

HUSSERL, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, s.d.

KOBER, Michael. *Gewissheit als Norm* - Wittgenstein erkenntnistheoretische Untersuchungen in Über Gewi?heit. Quellen un Studium zur Philosophie - Herausgegeben von Jürgen Mittelstra?, Günther Patzig, Wolfgang Wieland -Band 35. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1993.

MORENO, Arley. *Wittgenstein Através das Imagens*. 2ª edição, Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

MORENO, Arley. (Org.). *Como ler o Álbum?* Volume 55 – Coleção CLE. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

PEUKER, Thomas & KELLERWESSEL, Wulf. *Wittgensteins Spätphilosophie Analysen und Probleme*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1998.

SHARROCK, Danièle Moyal. *The Third Wittgenstein* – The Post-Investigations Works. ASHGATE: USA, 2004a.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cultura e Valor*. Tradução de Jorge Mendes. Revisão Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Gramática Filosófica*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações Filosóficas, In: Coleção Os Pensadores. Tradução de José Carlos Bruni, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Tradução, Apresentação e Ensaio Introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos, 2ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 2000.

WRIGHT, Georg Henrik Von. *Wittgenstein*. Übersetzt von Joachin Schulte. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.